

Capas Cruzadas. Análise semiótica das capas antiga e nova do livro “A Resposta” mediada pela adaptação ao cinema com o filme “Histórias Cruzadas”.¹

Aline MACHADO²

Noelle SAMPAIO³

Christian SCHWARTZ⁴

Universidade Positivo, Curitiba, PR

Resumo

Esta pesquisa apresenta uma análise semiótica no que diz respeito à emissão sígnica nas capas antiga e nova do livro “A Resposta”, mediada pela adaptação cinematográfica com o filme “Histórias Cruzadas”. O propósito é tentar traduzir esses envios de mensagens relacionando-os a possíveis interpretantes. Os estudos, construídos a partir das teorias desenvolvidas por Charles Peirce, discorridas e aplicadas por Lucia Santaella, Clotilde Perez, entre outros autores, são empregados na intenção de embasar as observações efetuadas. O resultado proporciona um novo olhar sobre as capas, pois os signos e seus objetos estão dispostos de maneira proposital, pensada, revelando um significado que se entrelaça diretamente à narrativa do livro. Portanto, a imagem ilustrada representa algo além de seu sentido literal.

Palavras-chave: Semiótica; Análise; A Resposta; Adaptação Cinematográfica; Capas.

Introdução

O significado de mensagens ocultas ou camufladas atíça a curiosidade humana e ao observar e analisar com mais cautela, é possível desvendar vários lados de um mesmo objeto com diferentes construções. A semiótica, sendo a ciência que estuda os signos, bem como as interpretações dessas emissões, viabiliza este estudo – podendo ser aplicada em qualquer sistema de linguagem (verbais ou não verbais); mostrando-se assim, mais abrangente do que a linguística. Charles Peirce foi o primeiro a nomear algumas das ferramentas, de maneira mais complexa, que auxiliam o desenvolvimento da análise que a semiótica proporciona. Para esta vertente, existe a consideração em três dimensões, ocupando-se do estudo do processo de significação ou representação.

Será, portanto, utilizado a primeira das dimensões: a gramática especulativa, responsável justamente pelo estudo de todos os tipos de signos, bem como seus

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Estudos Interdisciplinares da Comunicação, da Intercom Júnior – VII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação 6º. semestre do Curso de Publicidade e Propaganda da UP, email: alinedimachado@gmail.com

³ Estudante de Graduação 6º. semestre do Curso de Publicidade e Propaganda da UP, email: noelle.sampaio@gmail.com

⁴ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Publicidade e Propaganda da UP, email: clmschwartz@gmail.com

significados, aplicações e representações. O propósito aqui contudo, é unir a teoria peirciana na pesquisa, com algumas considerações conceituais de cinema, literatura e adaptação cinematográfica. Dessa forma, será possível o olhar crítico na emissão sógnica que as capas (antiga e nova) do livro “A Resposta”, de Kathryn Stockett, possivelmente enviam; mediada pela adaptação cinematográfica com o filme “Histórias Cruzadas”.

Para ligar a contribuição que as partes selecionadas do longa metragem terão na decomposição da capa nova do livro, será utilizada a vantagem que o cinema possui no diálogo permitido pelo uso da linguagem; uso e análise em que cada aspecto pode se transformar em algo tangível. Talvez seja esse o ponto de partida, que desperte o uso da semiótica: entender o uso dos elementos textuais e não textuais dentro do filme e o significado carregado por aqueles signos. Portanto, o longa metragem, estará entrelaçado para sustentar o que a nova capa emite.

Com isso, acredita-se ser possível comparar de maneira crítica e argumentativa essas diferenças, bem como chegar a uma consideração pertinente, sob a mediação de algumas ferramentas selecionadas, além da semiótica – já citadas acima. Serão empregados conceitos de Santaella e Clotilde Perez nesta analogia, permitindo as capas do livro serem observadas e estudadas também como embalagens. Espera-se discorrer considerações a respeito do significado no envio dos signos. Entretanto, é válido ressaltar que, nenhuma análise semiótica acontecerá de maneira milagrosa, sendo utilizada apenas esta ferramenta. O resultado não acontece por si só, é necessária a união de outras áreas específicas para que haja sustentação, e assim, a semiótica funcionar como guia que conduz o traçado do diagnóstico, ou da pesquisa. Para isso, conforme citado acima, se utilizará de teorias do cinema, bem como o entendimento de adaptações cinematográficas provenientes dos livros. Em seguida, será apresentado brevemente o objeto de estudo, ou seja, a história do livro “A Resposta” para facilitar e esclarecer as considerações feitas na análise.

Posicionando a Semiótica

Desde o mundo grego, já havia uma preocupação com os problemas da linguagem, o que foi intitulado de semiótica implícita, abrangendo a natureza dos signos, da significação e da comunicação. Somente quando a semiótica propriamente dita começou a se desenvolver como ciência, que esta obteve o reconhecimento que tem. É importante ressaltar a existência das diversas vertentes que possui, e além, seu caráter abstrato e

abrangente, portanto, será utilizado como base para pontuar brevemente o conceito, a teoria desenvolvida por Charles Peirce.

Segundo ele, a semiótica é responsável por estudar os modos como apreendemos qualquer coisa em nossa mente, desde um simples cheiro, uma imagem numa revista, até uma lembrança de um tempo vivido – ideais e normas que conduzem o pensamento. Para Peirce, esta lógica (também assim chamada), possui três ramos: o primeiro conhecido como gramática especulativa, a parte que estuda os mais variados tipos de signos e formas de pensamento que eles possibilitam, bastante notório no século XX; o segundo chamado de lógica crítica, tendo como base as maneiras de condução do pensamento, que estuda os tipos de interferências, raciocínios ou argumentos (abdução, indução e dedução); e o terceiro, chamado de retórica especulativa, ou seja, a análise dos métodos a que cada um dos tipos de raciocínio dá origem. (Santaella, 2002)

Para Lucia Santaella, os signos estão crescendo, desde o surgimento da fotografia, passando pelo cinema, rádio, televisão; hoje com a era digital, há uma explosão de novos signos. As formas de utilização da linguagem também aumentam e se modificam, portanto, existe a necessidade de compreender esta evolução sónica, a possibilidade de se ler e dialogar com eles, algo além da produção capitalista, e mais profundo do que aquele nascido da mera convivência e familiaridade. O surgimento desta ciência, desde o fim do século XIX, coincide com o processo expansivo das tecnologias de linguagem e para a autora, a própria realidade exige uma ciência que dê conta deste fato – os signos em evolução contínua.

Sendo a teoria peirciana bastante ampla, somado às hipóteses de Santaella, iremos nos ater ao primeiro ramo da semiótica, a gramática especulativa, pois com ela, é possível fazermos a análise dos signos, em suas classificações, atendendo às exigências aqui propostas; aplicando na pesquisa para a comparação das duas capas (antiga e nova) do livro “A Resposta”; intercedido pelo filme, originado pela história do livro, “Histórias Cruzadas”.

Além de fornecer definições concretas sobre os signos e o modo como eles agem, a gramática especulativa possui um grande número de tipos de signos e de possíveis combinações sónicas; nas gradações entre o verbal e o não verbal. Os diferentes aspectos que a análise semiótica apresenta, leva à compreensão da natureza e dos poderes de referência dos signos, que informação transmitem, como são emitidos, produzidos, utilizados e que tipo de efeito são capazes de provocar no receptor. (Santaella, 2002)

Nas definições de Peirce, o signo tem uma natureza triádica, podendo ser analisado em si mesmo, ou seja, no seu poder para significar; na sua referência àquilo que ele está representando; ou nos tipos de interpretação que ele é capaz de despertar em seus receptores. Com isso, pode-se extrair estratégias para fazer a análise de processos empíricos de signos como o estudo escolhido para ser discorrido ao longo deste artigo.

Ao desdobrar os signos para suas significações, é importante clarear a definição mais detalhada do signo em sua lógica triádica: significação, objetivação e interpretação. Ou seja, o signo está lá representando seu objeto, e ambos podem ser qualquer coisa, um depende do outro. A representação, independente de qual seja, daquilo que se busca é o próprio signo; e aquilo a ser representado é o objeto. Dependendo da forma como o objeto está sendo representado, o efeito (também variável) causado no receptor é chamado de interpretante. Portanto, os signos são combinados para formarem um significado e no eixo da equivalência, de acordo com nosso repertório, escolhemos a melhor forma para dizer, interpretar ou significar alguma coisa. Para exemplificar num contexto próximo ao objetivo deste projeto, buscamos Santaella:

...um filme que nasce da adaptação de um romance é um signo desse romance, que é, portanto, o objeto do signo, cujo interpretante será o efeito que o filme produzirá em seu espectadores. Mas o romance em si pode também ser tomado como signo daquilo que o romance representa, seu objeto. (SANTAELLA, 2002, p. 08)

E por toda essa combinação se encontram as classes dos signos, pois é através dela que as características peculiares e particulares de cada diferente tipo de signo são investigadas. Em cada uma destas categorias possibilita-se compreender o porque cada signo é um signo, pois são elas que habilitam as qualidades necessárias para isso ocorrer. Dependendo da propriedade considerada, a maneira de se representar o objeto também será diferente; sendo três propriedades (qualidade, existente ou lei), serão também três os tipos de relação ou classificação que o signo terá com seu objeto, sendo indicial, icônico ou simbólico.

Toda vez que o signo seguir uma lógica, uma convenção, uma lei, este passa a ser denominado como símbolo. Para ilustrar, basta pensar nas placas de trânsito que foram desenvolvidas daquela forma por existir uma lei determinando que elas sejam daquela maneira, ou no próprio alfabeto - a união das letras formam palavras, pois é através da convenção estabelecida por determinada cultura que interpretamos o que está escrito, e apenas torna-se possível interpretar os símbolos caso exista no repertório de quem

interpreta o que é preciso para decifrar aquele código. O ícone é o signo que coopera com uma determinada semelhança ou analogia com o objeto representado. Um exemplo é quando uma palavra vira imagem: “cadeira” da forma escrita que foi desenhada em algum lugar, deixando-se existir apenas pela ilustração; ou quando uma cor azul nos lembra algo como o céu, sendo isso possível apenas pelo fato de haver a qualidade requerida para tal, fazendo a semelhança direta, que nos faz lembrar daquilo que está sendo representado. Para o signo ser um índice, o objeto precisa deixar suas marcas, rastros no signo, ou seja, sua existência concreta de algo que realmente está ou esteve lá. Pegadas na areia são índices de que o objeto, neste caso pode ser um homem ou um cachorro, dependendo das marcas, passou por aquele lugar; assim como as impressões digitais, os cheiros são considerados indiciais.

A partir desta classificação peirciana, com o embasamento teórico desenvolvido principalmente em Santaella, serão aplicadas nas análises das capas (antiga e nova) do livro “A Resposta” os desdobramentos das classificações sógnicas. Os ícones que estão presentes, fazem analogia e semelhança com quais objetos, ou se seriam, de alguma forma, também indiciais. Porém, antes de se aprofundar propriamente o olhar crítico, é importante unir a semiótica com o apoio que também ajudará a sustentar esta análise de caso.

O Cinema, os Livros e as Adaptações

O cinema é considerado mágico, pois tem a capacidade de mudar, mesmo que por poucos instantes, a vida das pessoas, provocando várias emoções e transformando a realidade de quem está ao seu redor. Através da linguagem cinematográfica e suas características, cujos detalhes exigem uma técnica, é possível despertar ações e sentimentos. Num melhor entendimento sobre as contribuições do livro “A Resposta”, mediado pelo filme “Histórias Cruzadas”, tanto na questão semiótica como na forma cinematográfica, será tido como ponto de partida esclarecer melhor as diferenças principais entre estes elementos para assim obter uma análise mais certa.

Para introduzir o assunto, diferenciamos o significado das palavras cinema e filme, que apesar de seguirem uma mesma vertente, possuem definições distintas. Segundo Pasolini, cineasta italiano, o cinema é uma forma abstrata, assim como a linguagem que só é possível entendê-la a partir de um objeto concreto, que no nosso caso, seria o filme. Por

isso, o cinema não existiria sem o filme, tornando-o assim, com a união de seus elementos, em algo concreto com uma linguagem própria.

Contudo, essa linguagem, que faz parte do universo das palavras, letras e sons, que acaba entrando no mundo da literatura, da escrita e da forma de contar histórias. Sendo assim, percebe-se que para realizar a passagem da obra escrita para a obra fílmica é preciso compreender a tradução das linguagens, em que a própria ação já conceitua o termo. Segundo Rosália de Angelo Scorsi, em seu ensaio sobre Cinema na Literatura, a tradução é uma forma de desejo, pois espera-se alcançar o perfeito, ou seja, procurar entender todas as formas de linguagem, desde os sons até o despertar dos objetos. Porém, no uso da tradução, é preciso também, além dos signos verbais, se atentar para a existência das ações não verbais; utilizando portanto, nesta passagem, a prática do discurso direto, elevando o tradutor a uma espécie de narrador para igualar os discursos, como se fosse ele reproduzindo as falas dos personagens.

O processo de adaptação de um livro para as telas é difícil e delicado, além da aceitação do público, que sempre irá comparar as narrativas do livro com o filme; precisa-se ter o processo de coerência. Por isso, novamente Rosália nos diz que:

... a tradução de uma obra literária à tela necessita, o mais possível, tocar os pontos de origem da obra, para realizar a sua narrativa dentro da compressão temporal que o cinema dita. (SCORSI, 2005, p. 06)

A partir desse ponto, unimos para sempre a tradução escrita às imagens que se movimentam diante de nossos olhos. Todos os recursos que mudam a narrativa e a forma de entender uma mensagem foram se adaptando, aperfeiçoando ao jeito de mostrar e recriar, além de poder interagir com outros tempos, podendo assim, contextualizar a história.

O cinema está sempre buscando outras interfaces: formas de expressão, repertório, se aproveitando de tudo que possa ser utilizado, ou seja, as linguagens da publicidade também são incorporadas no cinema. Esse diálogo é permitido pelo uso da linguagem, o uso e análise em que cada aspecto pode se transformar em algo tangível, despertando assim, o uso da semiótica.

A linguagem trabalhada pelo cinema induz o espectador a consumir algo tangível, porém carregado de significados e símbolos, os sonhos. Sonhos que a indústria cinematográfica e o capitalismo transformam em bens de consumo. (COVALESKI, 2009, pag. 71)

Portanto, pode-se dizer que nada é usado por acaso no cinema e a cada forma que ele utiliza, seja a montagem, figurino, cor, objeto, posição de câmera; sempre apresentará um significado para quem estiver propenso a receber as mensagens.

Apresentação do livro “A Resposta”

Kathryn Stockett, autora do livro que pretendemos analisar, nasceu e cresceu em Jackson, Mississippi. Formou-se em Línguas pela Universidade do Alabama e se especializou em redação criativa. Em Nova York trabalhou na edição de várias revistas antes de escrever seu romance de estreia, intitulado de “A Resposta”.

No livro, a autora se utiliza de uma narrativa dinâmica e estimulante, o uso da primeira pessoa é visto através do olhar de três mulheres que vivem na sociedade da década de 60, na pequena cidade de Jackson, Mississippi. A história de cada personagem é independente e com o desenrolar da narrativa percebe-se que as personagens acabam se encontrando, por isso, a adaptação ao cinema chama-se “Histórias Cruzadas”.

Tanto o livro, como o filme, contam a história de Aibileen, uma senhora negra que trabalhou a vida inteira como empregada doméstica em casas de senhoras brancas e ela está criando sua décima sétima criança branca. Minny é uma grande amiga de Aibileen, e também uma empregada doméstica negra, com uma personalidade forte e sua língua afiada, não consegue manter-se empregada na cidade, por isso acaba trabalhando fora da área urbana. Senhorita Skeeter é uma jornalista recém-formada, rica e branca. Tem uma visão diferente de suas colegas que casaram, tiveram filhos e apresentam empregadas negras para cuidar das suas crianças. Estes três personagens se encontram para mudar a visão da sociedade em uma época em que negros eram discriminados, mal tratados e que buscavam direitos iguais perante uma sociedade branca.

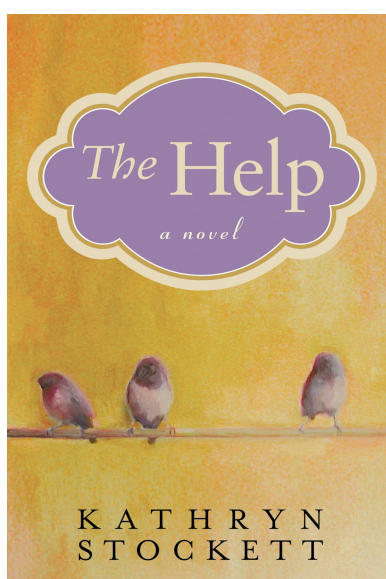
São estas mulheres que encontramos na capa nova do livro, que por sinal, na versão brasileira, é também o cartaz do filme, com as personagens principais, duas delas sentadas e duas em pé. A capa antiga, na sua versão americana, cujo título original é “*The Help*”, encontram-se semelhanças comparado à nova versão, como as cores, predominantes em amarelo e lilás, e uma disposição de três passarinho num galho, lembrando as mesmas posições que as personagens ocupam na nova capa.

Análise da Capa Original do Livro “A Resposta”

A imagem não é apenas uma imagem, ela é capaz de despertar diversos sentimentos, que são importantes na hora de pensar em sua funcionalidade, bem como ressaltar que imagens são ícones, carregando consigo semelhanças do objeto representado. Essa é uma definição importante para começar a análise detalhada da função das capas do livro “A Resposta”. Segundo a autora Sandra Ramalho, quando paramos para analisar uma imagem percebemos que são inúmeras as funções que ela pode transmitir, seja de significado, de tempo e espaço.

Cartazes de espetáculos, como os que foram criados no início do século por Toulouse-Lautrec perderam através do tempo sua função informativa. Prova disso é que nos cartazes, quando da sua reprodução, não há cuidado com elementos verbais (...) neles ainda restam à função simbólica e estética. (RAMALHO, 2005, p. 24)

Além da importância do tempo e espaço, às vezes a imagem muda o seu significado e com isso sua forma de categorização. O jeito de classificar os signos pode modificar no que se diz respeito ao seu interpretante, pois quando as capas se modificam, os signos também se modificam, mas talvez o objeto, ou seja, aquilo que o signo está representando, continue o mesmo. Para isso, inicia-se a analogia feita na primeira versão da capa do livro: a americana. Quando nos deparamos com ela, tem-se os principais elementos em destaque: uso das cores e a imagem – neste caso a pintura dos três passarinhos empoleirados num galho.



Capa do livro “A Resposta” em sua versão original

O uso das cores apresenta um significado importante para a narrativa do livro: a questão social. A cor amarela é a que desperta, tem um toque de leveza e otimismo, também pode significar a força, a esperança por alguma coisa, uma vez que, conforme descrito anteriormente, de acordo com os conceitos de semiótica, o amarelo da capa, sendo um ícone, pode fazer analogia à luz do sol. Temos também a presença da cor roxa, pontuada, em pequenos detalhes que significam nobreza, dignidade e respeito, qualidades presente na personagem Senhorita Skeeter, uma moça branca que luta junto a empregadas por melhores condições de vida. Em questão de imagem, pode-se perceber a presença de uma autonomia com a posição dos passarinhos, que pelo signo icônico, faz analogia à liberdade. Suas posições mostram e ligam-se aos personagens.

O passarinho mais afastado (à direita), está com o bico abaixado, emitindo uma possível posição de servidão, sendo um provável interpretante, podendo ser ligado às empregadas domésticas que lutam pelos seus direitos. O passarinho do meio, olhando diretamente para frente e mais perto do passarinho da esquerda faz referência à Senhorita Skeeter, pois é ela quem ouve as pessoas negras, sem fazer distinção entre os indivíduos. Ela é também responsável por fazer a ligação, a ponte entre as duas realidades sociais. O passarinho à esquerda, representa a Dona Hilly, uma senhora tradicional que luta contra os direitos dos negros. Em sua posição, completamente de perfil, pode ser analisado como se estivesse ignorando a situação presente, dando assim as costas aos acontecimentos. Os signos presentes nesta capa são predominante e visivelmente icônicos, devido às imagens, as representações e sensações que causam; numa relação direta de analogia e semelhança com os objetos que estão sendo reproduzidos, bem como em sua forma.

A Mediação do Cinema na Nova Capa

A análise da nova capa do livro “A Resposta” tem como destaque as atrizes que fizeram parte da adaptação cinematográfica, intitulado de “Histórias Cruzadas”. A imagem é reconstituída a partir da antiga capa, com as mesmas cores, porém os passarinhos dão lugar aos personagens. Conforme discorrido no artigo, é muito peculiar a tradução do livro para as telas do cinema; sendo a história deste romance, já apresentada, com três personagens narrando sob seus próprios pontos de vista, em capítulos alternados, dando ritmo à narrativa. A própria descrição de cenas, no livro, são acontecimentos que levariam o filme a se tornar mais longo, com mais detalhes e mais complicado de se manter uma linha

compreensível.

A fotografia impressa na nova capa, com a ambientação dos anos de 1960, denuncia, de maneira indicial, os rastros deixados pelo objeto no signo. Registra um momento em especial na vida daqueles personagens, ou seja, concretizando aquele momento. Entretanto, os signos nesta capa, continuam com a predominância icônica, sendo melhor esclarecidas a seguir.



Nova versão da capa do livro, após a adaptação ao cinema.

As posições das personagens, comparado à capa antiga, invertem-se somente nas extremidades; o “passarinho” do meio, continua lá com a mesma função. Minny e Aibileen, em pé, com roupas de domésticas cochichando algo, cujo um dos possíveis interpretantes pode nos levar a um segredo. Ocorre, pois, de maneira icônica a postura das personagens na foto, com as feições emitidas, nos levam a crer que o objeto representado pelo signo seja talvez uma resposta ou um pedido de ajuda – remetendo-se também ao passarinho da primeira capa, que estava bem afastado dos outros dois. A Senhorita Skeeter está sentada no banco, junto com Dona Hilly, lembrando também a posição dos outros dois passarinhos. O que está no meio, continua sendo representado da mesma maneira pela atriz, olhando para frente, fazendo novamente a ponte entre as duas realidades. A outra atriz, que também se encontra na posição de seu passarinho correspondente na antiga capa do livro, virada para o lado contrário das ações e ambientações, ignorando os fatos. Porém, diferente dos passarinhos que apenas emitem as mensagens pela posição de seus corpos, aqui temos a feição das pessoas, nos indicando com maior precisão os possíveis interpretantes dos signos

emitidos.

Faz-se interessante ressaltar também alguns pontos como a direção de arte do filme, seguindo uma paleta colorida, obtendo um conjunto de cores fortes como rosa, vermelho, laranja e amarelo sempre presente na vida das mulheres brancas. Isso acaba sendo transposto para a capa, nas roupas da Dona Hilly e Senhorita Skeeter.

A vida das empregadas não deixa de ser alegre, mas sempre que estão trabalhando, permanecem de aventais azuis – cores lavadas, frias e sem vivacidade. As madames não trabalham e quem faz todo o serviço pesado são senhoras negras que não têm o direito de sentar no mesmo cômodo que suas patroas, por isso a posição das empregadas também pode ser vista como à espera de uma ordem. As senhoras brancas com suas roupas femininas e coloridas, denunciam sua classe social e permanecem sentadas, a única diferença são suas posições. Uma das mensagens emitidas pelo signo ali representado com a personagem que se senta olhando para frente, pode ser a espera por alguma coisa, alguma decisão. Diferente da Dona Hilly, que além de sentar de lado para a situação, olha suas unhas, reiterando que ela não está interessada ou “ligando” para o restante da situação ilustrada.

Pode-se notar no subtítulo do livro – signo classificado como símbolo, ou seja, através da convenção da Língua Portuguesa – está representando o objeto filme, fazendo referência ao longa metragem ressaltando interpretantes ligados à publicidade. Observa-se que uma das intenções é guiar o receptor desta mensagem a fazer a ligação com a adaptação cinematográfica para que a embalagem (livro), seja um atrativo que facilite a venda do produto. Ponto apenas notório, pois lembra-se que a intenção deste artigo é ater-se às emissões das mensagens transmitidas pelos signos espalhados na capa do livro.

Considerações Finais

Conforme visto ao longo do artigo, são inúmeras as formas que se pode analisar um objeto de estudo a partir da semiótica. Portanto, notou-se a importância de posicionar e deixar claro qual artifício desta ferramenta foi utilizada. Na primeira parte da pesquisa, foi efetuado um afunilamento a partir das teorias compostas por Charles Peirce, conceituadas por Santaella, chegando no primeiro ponto da semiótica – a gramática especulativa. Com ela, pôde ser desenvolvida a análise das duas capas do livro “A Resposta” aplicando estas

definições para interpretar o que os signos indiciais e icônicos possivelmente carregavam consigo.

Após este posicionamento, conforme já explicado no início do estudo, foi preciso unir à semiótica algumas considerações sobre a construção de narrativas cinematográficas provenientes de livros. “Histórias Cruzadas” em especial, carrega os pontos chaves que desenrolam os acontecimentos fiéis aos eventos do livro, tornando bastante perceptível a narrativa da obra literária. Percebeu-se necessária essa junção (cinema e semiótica), pois a forma da análise semiótica se dá com o apoio de conceitos de outras áreas específicas, fazendo com que as teorias desenvolvidas por Peirce sejam o guia para conduzir este estudo. Para complementar e enriquecer a análise, apresentou-se brevemente a história do romance, para que, ao interpretar os signos em suas representações, os ganchos da trama do livro, com as propostas que capas sugerem, somadas à mediação do cinema ficassem claramente entrelaçadas.

Chegando à parte da análise para fazer a contraposição de ambas as capas do livro “A Resposta”, mediado à adaptação cinematográfica com o filme “Histórias Cruzadas”, o foco principal foi buscar a emissão das mensagens em seus aspectos sígnicos. Com o embasamento nas teorias de Charles Peirce, notou-se possível realizar desdobramentos para que fosse visível a classificação dos signos presentes nas capas do livro, bem como os possíveis interpretantes. Importante ressaltar, contudo, que a observação não se ateu aos inúmeros interpretantes, pois como já relatado, a ênfase aqui sugerida se ateu ao desenvolvimento que as emissões dos signos demonstram, quando os objetos estão sendo representados.

Algumas das cenas do longa-metragem se fazem presentes na foto da capa atual, onde foi possível obter mais pistas, não apenas pelo filme existente. Portanto, a ligação pôde ser feita de maneira mais fácil, aumentando ao interpretante as possibilidades, pois as mensagens daquilo que está sendo representado são mais claras com as personagens humanas e suas expressões faciais, roupas e ambientação. Com isso, é possível aos signos emitirem com maior precisão o que o objeto representa. Contudo, a análise da capa nova passa a ser mais aparente, ou seja, o repertório do receptor não precisa ser tão amplo, sem falar que, como discorre Clotilde Perez, a embalagem precisa se tornar atraente e colocando na capa atual do livro a mesma imagem que leva o cartaz do filme, este requisito é atendido.

Diferente do que acontece na capa original do livro, na versão americana, conforme observado, em que o grau das informações transmitidas são mais altos e estes signos portanto, não emitem mensagens que acionam facilmente os interpretantes. O receptor precisa conhecer a história para que as pistas e os rastros representados pelos ícones sejam compreendidos, uma vez que o signo tem a função mediadora entre o objeto e o significante.

Com isso, tornou-se possível a comparação e análise proposta para o objeto de estudo nas contraposições feitas entre as capas do livro com a mediação da adaptação cinematográfica. A imagem da capa nova ilustrando o filme, toca o ponto chave da narrativa da obra literária escolhida, intitulada “A Resposta”. As personagens passam a interagir de um modo coerente com a história, sendo que as posições das quatro mulheres da capa nova e a dos passarinhos na capa antiga, não são aleatórias e sim, seguem uma ordem que respeita este ponto chave, transmitindo e traduzindo as ações da escrita para algo além da imagem.

REFERÊNCIAS

COVALESKI, Rogério. **Cinema, Publicidade, Interfaces**. São Paulo: Maxi Editora, 2009.

ECO, Umberto. **Os limites da Interpretação**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

EPSTEIN, Isaac. **O Signo**. São Paulo: Editora Ática, 2001.

PEREZ, Clotilde. **Signos da Marca: Expressividade e Sensorialidade**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.

PIETROFORTE, A. V. **Semiótica Visual: Os Percursos Do Olhar**. 2. ed. - São Paulo : Contexto, 2007.

RAMALHO E OLIVEIRA, Sandra. **Imagem também se lê**. São Paulo: Edições Rosari, 2005.

SANTAELLA, Lucia. **Semiótica Aplicada**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

SCHAFF, Adam. **Introdução à semântica**. Coimbra: Almedina, 1968.

SCORSI, Rosália. Cinema na Literatura. **Revista Pro-Posições**, Campinas, v.16, nº 2, p. 37 a 54, mai./ago., 2005.

SUDJIC, Deyan. **A linguagem das coisas**. Reino Unido: Penguin Books Ltd., 2008.